

## TROCAS (ORTO)GRÁFICAS ENTRE CONSOANTES DE DIFERENTES CLASSES: UM PROBLEMA DE TRAÇADO OU UM PROBLEMA FONOLÓGICO?

BRANDT, ALEXANDRA ALVES<sup>1</sup>; REINKE, NATÁLIA DUMMER ZACHER<sup>2</sup>;  
 MIRANDA, ANA RUT MORESCO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduanda Pedagogia/UFPeI – alexandra@mabram.com.br

<sup>2</sup>Graduanda Pedagogia/UFPeI – natalia.zacher@gmail.com

<sup>3</sup>Departamento de Ensino FaE/UFPeI – anaruth@vitorramil.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O sistema ortográfico do português é caracterizado por relações biunívocas e múltiplas entre grafemas e fonemas (LEMLE, 1982). A correspondência biunívoca pode ser observada nas situações em que um elemento do nível gráfico corresponde a apenas um elemento do nível fônico e vice-versa, já a múltipla diz respeito a relações que se estabelecem entre um fonema e vários grafemas ou ainda entre um grafema e vários fonemas. Este estudo partiu de um levantamento sobre as trocas nas grafias de consoantes cuja relação entre fonema e grafema é, preponderantemente, biunívoca: plosivas e fricativas (/p-b/, /t-d/, /k-g/ e /f-v/). O resultado da computação dos erros revelou que a maior parte dos dados envolve o traço [sonoro], ou seja, trocas entre consoantes de uma mesma classe, as quais diferem entre si apenas pelo valor do traço [sonoro]. Uma minoria dos dados, cerca de 3%, não se ajustam à tendência observada e constituem um conjunto que se caracteriza por ser um tipo de dado de escrita em que há trocas que, em um primeiro momento parecem ser inusitadas. Por entendermos que os erros produzidos pelas crianças durante o processo de desenvolvimento da escrita têm sempre algum tipo de motivação e, de modo geral, não são aleatórios, optamos por desenvolver este estudo que irá focar dados considerados residuais, os quais pouca atenção recebem nas análises que mais frequentemente fixam sua atenção sobre aquilo que é mais freqüente e que, portanto, mais claramente expressa padrões gerais.

### 2. METODOLOGIA

Os dados examinados neste estudo são erros ortográficos extraídos de textos que compõem o Banco de Texto de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. A amostra que serve de base para este estudo foi extraída de, aproximadamente, dois mil textos dos quais foram computados todos os erros que envolvem a grafia de plosivas e fricativas. A análise das trocas nas grafias de obstruintes privilegia aqueles casos em que as substituições envolvem consoantes que apresentam diferenças maiores do que a de apenas um traço distintivo, isto é, todas aquelas trocas em que há o envolvimento de outros traços, além do [sonoro].

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De, aproximadamente, 2.000 textos, dos quais foram extraídos os 753 erros em que houve algum tipo de erro envolvendo as obstruintes (plosivas e fricativas labiais), foram encontrados apenas 23 dados que envolvem trocas não relacionadas ao traço [sonoro], como mostra o gráfico apresentado a seguir:

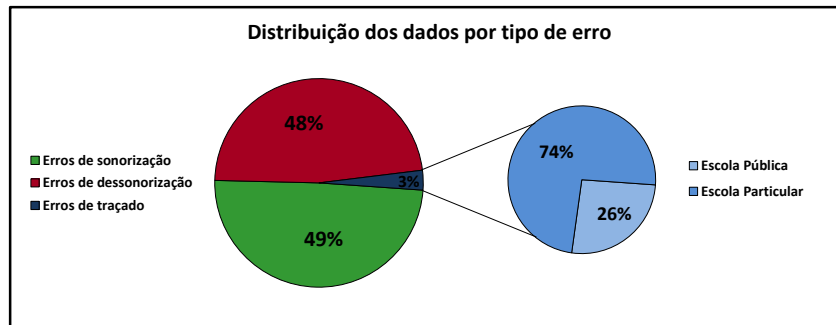


Gráfico 1- Distribuição dos dados por tipo de erro e escola

Em se considerando a variável tipo de escola, observamos que dois terços dos erros, como mostra o gráfico, foram produzidos por crianças da escola particular.

Uma abordagem inicial do conjunto de dados, fez surgir a primeira hipótese interpretativa: a de que a motivação para a ocorrência de tais erros, estaria relacionada mais ao traçado de letras do que a fenômenos fonológicos, visto que, o dado mais comum, 50% do total, refere-se à grafia de 'b' por 'd', como exemplificado na Fig. 1, nas grafias que correspondem, respectivamente, às palavras 'banho' e 'bosque'.



Figura 1- Exemplos de trocas entre as consoantes 'b' por 'd'.

Um explicação plausível para estes dados pode ser a falta de percepção, por parte da criança, de que a mudança na posição da letra, diferentemente do que ocorre com os objetos do mundo real, é capaz de alterar o seu significado. Segundo Leffa (1996, p. 27), bem antes de aprender a identificar as letras, a criança sabe que um objeto continua sendo o mesmo, independentemente da posição na qual se encontre. Uma escova de dentes, por exemplo, não deixa de ser uma escova, ainda que as cerdas estejam viradas para cima, para baixo, para a esquerda ou direita.

Assim, se a criança sabe que os objetos, independente de sua posição, continuam sendo o mesmo objeto, a mesma lógica de pensamento pode ser empregada para as letras. Será necessário que ela reestruture sua percepção para entender que o 'b', ao contrário da escova, como ilustrado na Fig. 2, passa a ser outro objeto, quando muda sua posição.

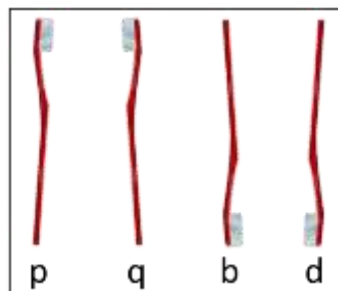


Figura 2 – Ilustração da variação de posição do objeto e letra.

Há, porém, exemplos para os quais tal hipótese explicativa não parece ser suficiente para explicar as trocas, como podemos observar na Figura 3, a seguir.

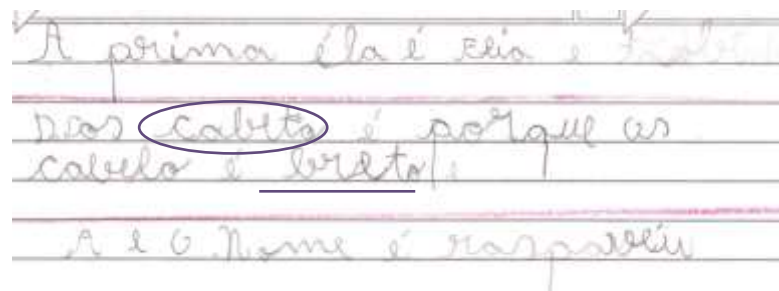


Figura 3 – Texto produzido por uma criança da 3ª série.

Casos como o da grafia apresentada na Fig. 3 podem ser melhor interpretados do ponto de vista da fonologia, pois claramente, não se trata de problemas com o traçado da letra, se levarmos em conta o modo como a criança traça o ‘t’ e o ‘l’ em seu texto. Olhando a palavra isoladamente poderíamos pensar que ela esqueceu de colocar o linha horizontal sobre a vertical, mas, quando analisamos o restante do texto, vemos que o traçado vertical do ‘l’ e do ‘t’ é diferente, como mostra a grafia da palavra ‘breto’ para ‘preto’. Um olhar atento para as consoantes da palavra, composta por duas consoantes plosivas em sequência, configura-se em ambiente fonológico favorável para que ocorra ali um processo assimilatório, o qual culminaria em um sequência de três plosivas, ‘k-b-t’ o que pode ter influenciado a escolha gráfica da criança. Reforça esta linha de raciocínio, o fato de as consoantes em jogo ‘l’ e ‘t’ possuírem o mesmo ponto de articulação, o que revela que a escolha da criança pela consoante não é aleatória e segue uma tendência observada nos estudos sobre aquisição da linguagem a respeito da assimilação de consoantes (MIRANDA, 1997). Neste mesmo texto, é possível perceber ainda que a criança apresenta dúvidas na escrita em relação às obstruintes, já que grafou a palavra ‘preto’ como ‘breto’, sonorizando a plosiva /p/.

Outro dado interessante diz respeito à escrita da palavra telefonou que foi grafada pela criança como ‘lelefonou’, conforme reproduzida na Figura 4. Em um primeiro momento, olhando para o dado de forma isolada, pode-se dizer que houve um processo de assimilação de traços da consoante vizinha, à moda do que propusemos para os dados da Figura 3. Entretanto, na análise do contexto, é possível perceber que a hipótese de que a criança apenas esqueceu de grafar o traço do ‘t’, o que configura um problema de traçado de letra, parece mais adequada à situação, uma vez que, em outras palavras que possuem tais letras, a grafia dessas consoantes são semelhantes.

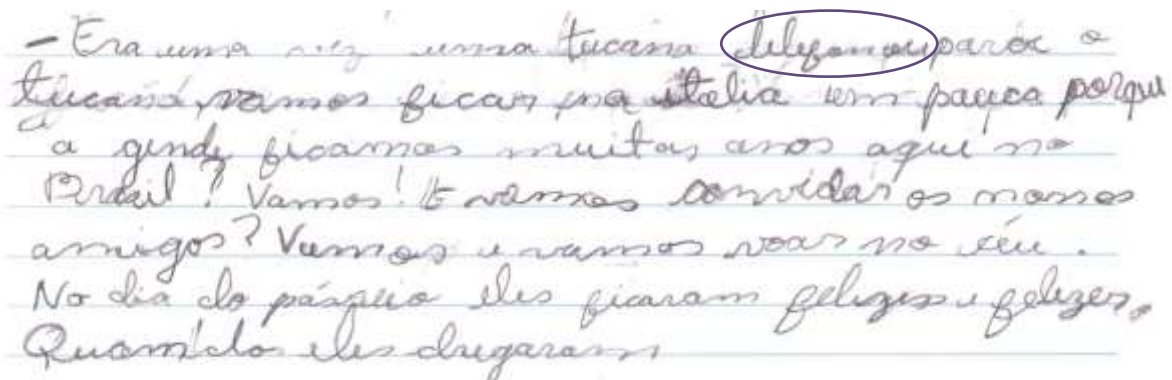


Figura 4 – Texto produzido por uma criança da 4ª série.

#### 4. CONCLUSÕES

Apesar do número reduzido de dados do tipo estudado na amostra, consideramos que foi o suficiente para que pudéssemos realizar um exercício de análise, em uma perspectiva qualitativa. Em nosso estudo, foi possível formular hipóteses interpretativas para as trocas observadas, as quais revelam a complexidade dos dados da escrita inicial, que, para serem interpretados, demandam do analista um olhar atento aos diferentes aspectos que, conjugados, podem estar influenciando as escolhas gráficas das crianças. Tanto problemas de traçado como motivações fonológicas podem ser responsáveis por erros como os que mostramos neste breve estudo.

Vale a pena salientar que, no computo geral, há maior incidência na amostra de erros envolvendo traçado e os demais, em menor número, seguem rigorosamente as tendências observadas na fonologia da língua, pois não há nenhuma troca que altere radicalmente o fonema representado e todas elas podem ser explicadas a partir de uma análise do contexto sonoro da palavra.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFFA, Wilson J. **Aspectos da Leitura: Uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

LAMPRECHT, R. R. et alii. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2009.

MIRANDA, A. R. M. A assimilação de consoantes na fala infantil: uma abordagem auto-segmental. In: **Anais do I Encontro do CELSUL**. Florianópolis: UFSC, 1997.